

DO DEUS CRIADOR AO DEUS CRIADO

Aldemario Araujo Castro
Advogado
Mestre em Direito
Procurador da Fazenda Nacional
Brasília, 11 de agosto de 2024

Rosângela e Carlos, amigos de infância, estavam sentados no jardim da casa dela. Os dois desfrutavam da sombra de uma frondosa mangueira. O aroma das flores e o canto dos pássaros criavam um ambiente de leveza que contrastava com a profundidade da conversa entabulada. Rosângela desenvolveu, ao longo da vida, um pensamento singular. Naquele dia, decidiu compartilhar uma reflexão amadurecida há algum tempo. "Carlos", começou ela, "você já parou para pensar como a maioria das religiões transformou o Deus criador em um Deus criado, dotado de características e emoções humanas?"

Carlos, intrigado, arqueou as sobrancelhas e pediu que ela explicasse melhor o que queria dizer. Rosângela continuou: "A ideia original de um Deus criador é de uma entidade transcendental, além do nosso entendimento, sem limitações ou emoções humanas".

Rosângela lembrou a primeira pergunta e respectiva resposta do "Livro dos Espíritos", de Allan Kardec. "Que é Deus?" é a indagação de Kardec. "Deus é a inteligência suprema, causa primária de todas as coisas" é a resposta dada pelos espíritos.

"Perceba, Carlos, não foram enumeradas qualidades do Criador", afirmou Rosângela e arrematou: "Deus não tem atributos humanos, nem sequer tem particularidades próprias do universo como conhecemos". A ponderação seguinte foi das mais instigantes, com as seguintes palavras: "Matéria (escura ou não), energia (escura ou não), tempo e espaço são elementos do mundo criado. O Criador não tem vinculação com o tempo e o espaço. Deus existe independentemente de tempo e de espaço. Essa é a ideia mais complexa e incompreensível que pode existir. Simplesmente, não temos instrumentos ou recursos para alcançar a realidade divina. Ela escapa de qualquer demonstração racional ou empírica".

No referido "Livro dos Espíritos", duas passagens são especialmente relevantes. Na resposta à terceira questão foi registrado, pelos espíritos, que existem "... coisas que estão acima da inteligência dos homens". A questão dez foi assim posta: "Pode o homem compreender a natureza íntima de Deus?". A resposta dos espíritos foi a seguinte: "Não, esse é um sentido que lhe falta".

No entanto, ao longo do tempo, várias religiões, em função de inúmeros e censuráveis interesses mundanos, acabaram moldando a divindade à imagem e semelhança dos seres humanos. Deus ganhou vontades, raivas, amores e humores. Foram inúmeras as ocorrências históricas em que Deus assumiu o papel de guerreiro e vingador.

Carlos reconheceu a profundidade do argumento de Rosângela. "Então" disse ele, "você está dizendo que nós, como humanidade, transformamos algo essencialmente incompreensível e infinito em um ser compreensível, previsível e controlável, na melhor (ou pior) tradição humana?"

Rosângela assentiu. "Exatamente. Ao antropomorfizar (humanizar) o divino, criamos uma ponte para nos relacionarmos melhor com ele, mas também o prendemos às nossas próprias limitações. É um paradoxo interessante. Buscamos o divino para transcender nossa humanidade, mas acabamos trazendo-o indevidamente para o nosso nível, com todas as nossas falhas e restrições".

Carlos ficou em silêncio por alguns minutos, refletindo sobre o que acabara de ouvir. Depois, ele olhou para Rosângela com um novo respeito. "Nunca tinha pensado nisso dessa maneira. Creio que precisamos lembrar da imensidão do divino, muito além da nossa compreensão, e tentar não limitar o que é infinito apenas para satisfazer nossa necessidade de entendimento ou outros interesses menores". Rosângela sorriu, satisfeita por ter plantado uma semente de reflexão no coração de Carlos.

